

---

## Base da Vida Africana: A TRIBO

*Apesar do seu primitivismo, a vida tribal é uma força espiritual e uma regra de existência de notável êxito para a maioria dos africanos. É também o maior problema para os governos das mais novas e inseguras nações do mundo*

---

Elspeth Huxley



EM 1960, 16 novas nações africanas ingressaram nas Nações Unidas. Não se trata de nações no sentido que costumamos dar ao termo. São áreas que as potências européias demarcaram nos mapas há 60 ou 70 anos, para mostrar onde uma "esfera de influência" terminava e outra começava. Em geral, os limites acompanhavam as divisas entre as tribos, mas sempre abrangiam



ELSPETH HUXLEY é uma inglesa nascida no Quênia. Já escreveu vários livros sobre a África, entre os quais *The Flame Trees of Thika*, *The Red Rock Wilderness* e *A New Earth*.

grupos étnicos bem distintos, que não tinham em comum nem língua, nem história, nem govêrno. O colonialismo foi o cimento que agregou êsses conjuntos humanos sob forma reconhecível num mapa, rotulados com nomes tais como Congo Belga, Nigéria, Tanganhica.

Entretanto, na sua maioria, êsses povos não se consideram congoleses, nigerianos ou tanganhiquenses. Consideram-se pertencentes a tribos: Balubas, Lundas, Iorubas, Ibos, Ibibios, e assim por adiante. Como peixes colhidos ao acaso numa rêde, viram-se reunidos sob um govêrno único.

Condensado do Suplemento Dominical do "Times" de Nova York



Agora estão-se libertando. Nas cidades vêem-se jovens que têm curso secundário, falam inglês ou francês, usam ternos e bicicletas, parecem europeus pretos e podem surgir na semana seguinte como ministros de um novo gabinete. No interior, onde vivem 95% deles, só se encontram os homens das tribos e as suas famílias. E a tribo é o centro da fidelidade desses homens.

A vida tribal é como os grandes guarda-chuvas listrados que são mantidos sobre a cabeça dos chefes que se apresentam nas cerimônias. Todos podem abrigar-se nela. Nenhuma pessoa da tribo está jamais sozinha. Todos os seus companheiros de tribo são obrigados em virtude de regras sagradas a dar-lhe abrigo, comida e auxílio, sempre que disso precisar—num perfeito estado assistencial baseado em laços de sangue.

Não há solteironas. Toda moça se casa ao atingir a puberdade e tem segurança pelo resto da vida. Se o marido morrer, será sustentada pelos cunhados ou por um dos seus filhos. Sem dúvida, tem de trabalhar—não há mulher desocupada, embora homens às vezes o sejam. No regime tribal, a prostituição era desconhecida. Mas muitas africanas se dedicam a isso nas cidades modernas.

A compra da noiva é outro costume tribal defendido por muitos africanos instruídos, sob a alegação de que concorre para a estabilidade do casamento. O pagamento, em gado e cabras, não é considerado uma

transação, mas, sim, uma espécie de compensação à família da moça pela perda de uma pessoa ativa e útil. Estende-se por muitos anos. Se a moça não procede bem, a família do marido pode interromper as prestações do pagamento. Se o marido deixa de cumprir a sua parte, a moça pode voltar para a casa do pai e a família do marido perde o direito aos pagamentos já feitos. Esse sistema dá às duas famílias um interesse garantido na manutenção do casamento. São raros na vida tribal os casamentos desfeitos.

Usa-se agora dinheiro, em lugar de cabras e gado, para a compra da noiva. Isso vai corrompendo o costume. A moça parece ter sido comprada por dinheiro, passando, portanto, a ser propriedade do marido. O casamento africano se vai tornando mais instável e inseguro em consequência da influência ocidental. São fatos como esse, profundamente perturbadores para os antigos das tribos, que explicam o sentimento africano hostil à influência ocidental e ao “colonialismo”, muito além da camada superficial da política.

A sociedade africana não tinha prisões, nem polícia nos tempos pré-coloniais. Nem os mais empedernidos criminosos desafiavam a autoridade do chefe ou do conselho dos antigos reunido em julgamento, porque a sentença que proferiam se apoiava em todas as sanções do mundo sobrenatural. A pena para o homicídio era uma pesada multa de gado e cabras. Às vezes, um homem



passava o resto da vida pagando-a. Na opinião dos africanos, a pena de morte por tal crime é completamente ilógica. A morte de um homem priva a sua família de uma pessoa útil. Por esta razão, o assassino deveria indenizar a família da sua vítima. (Em regra, apenas os feiticeiros e os ladrões reincidentes eram condenados à morte—sumariamente e pela comunidade, com lanças, pedras, fogo ou o cruel castigo da empalação.)

O respeito pela velhice é quase universal entre as tribos africanas. O motivo é que à medida que se envelhece mais perto se fica do mundo dos espíritos. Uma família africana abrange os mortos tanto quanto os vivos. Os espíritos não são simples fantasmas, mas avô e tio, ainda presentes, apenas longe dos olhos.

A tribo é ainda base do govêrno local. Às vêzes, o poder é exercido por um rei tradicional e cheio de prestígio, quase sempre com um nome complicado—o Asantehene de Ashanti, o Olaki de Abeokuta, o Kabaka de Buganda. Hoje em dia, êsses governantes se vão transformando em insignificantes monarcas constitucionais, enquanto o poder vai passando para as mãos dos homens jovens e semi-instruídos. Êsses conselhos têm visão moderna e preferem comprar motoniveladoras ou conseguir bôlsas para estudantes a fazer sacrifícios para provocar as chuvas. Ainda assim, a vida tribal não está de fato em declínio. Muitos costumes tribais estão, mas não o

seu espírito. É inútil tentar arrendar ou comprar terras na Masailândia quando se é um Luo, ou no país dos Bembas quando se é um Matabele. A terra tribal é ainda guardada com ciúme quase fanático.

Qualquer homem que sobe de posição no mundo deve compartilhar da sua sorte com qualquer parente que a êle recorra. Um funcionário distrital africano disse-me que nunca chegava em casa à noite sem ali encontrar um parente que queria dinheiro emprestado ou, ao menos, gozar a hospitalidade gratuita. Nenhum africano teria coragem de deixar de atender a um pedido dêsses.

—Não quero subir mais—disse o funcionário.—Quanto mais eu ganhar, mais êles esperarão de mim.

Êsse sistema de família funciona como um grande desestímulo ao trabalho firme e ao esfôrço.

O sistema tribal surgiu de repente como o maior problema para os novos governos independentes, que não possuem experiêcia, são tateantes e carentes de pessoal. Não é possível combinar um sistema democrático e uma estrutura tribal. O velho estado de guerra com lanças e azagaias se transforma simplesmente numa guerra de votos e partidos. Se os partidos políticos se basearem nas tribos, a guerra civil será mais cedo ou mais tarde inevitável.

Diz-se com freqüência que o nacionalismo prêto, a maior fôrça política isolada na África de hoje, varrerá as barreiras das tribos e unirá to-



dos os africanos sob a bandeira da liberdade. É essa a ambição e a fé do Dr. Kwame Nkrumah, Presidente de Ghana, que espera formar uma grande e nova nação—os Estados Unidos da África. Entretanto, para o grosso do povo, arraigado no seu meio tribal, o nacionalismo e a liberdade política significam apenas uma coisa—o despontar da idade de ouro de que lhe falavam os seus líderes políticos: uma era de impostos baixos ou sem impostos, de comida e bebida em abundância, de terra para todos, talvez até dos carros, das casas e da brilhante opulência dos europeus; uma era em que não se terá mais ninguém às costas dizendo para ir a tal lugar, para fazer tal coisa, para levar 20 xelins para o govêrno, para ir trabalhar em minas ou fazendas de propriedade dos europeus a fim de ganhar essa quantia, bem longe da mulher, do lar e da família.

É fácil ver a desilusão que se aproxima. Os líderes nacionalistas estão exultantes, cheios de esperança e otimismo, com a cabeça repleta de sonhos de uma admirável África nova adornada de escolas e hospitais, universidades e fábricas, estradas e rêdes hidrelétricas. Para que até uma parte mínima dos planos nacionalistas se concretize, o homem comum das tribos terá de trabalhar muito mais, e não menos, do que trabalhava no tempo do colonialismo. Terá

de pagar mais e não menos impostos se quiser tôdas essas escolas e hospitais que lhe prometeram.

O dilema dos líderes africanos responsáveis é a conservação do apoio do povo sem fazer promessas que sabem que não podem cumprir. Talvez descubram que só há uma solução: alijar quase todo o mecanismo democrático graças ao qual ganharam liberdade do domínio colonial e estabelecer o govêrno ditatorial de um só partido e de um homem forte, sem complacência para com os rivais políticos. É o que está acontecendo em Ghana. Para os homens das tribos, a liberdade do domínio colonial pode trazer o fim da liberdade pessoal e política.\*

Seria uma tragédia para a África o enfraquecimento da vida tribal ao ponto de deixar a massa do povo sem sentimento de unidade, de segurança, de integração num grupo. Se a vida tribal desaparecer—e muito tempo se passará até que isso aconteça—a necessidade máxima será encontrar alguma coisa melhor para substituí-la: uma verdadeira fé espiritual e uma organização social estável. Do contrário, as fôrças destrutivas da África, que ficam muito perto da superfície, farão ruir tôdas as esperanças daqueles que tiveram fé na liberdade africana.

\* Ver "Que é Feito da Independência de Ghana?", Seleções, maio de 1960.

**O**UVIDO num restaurante de Washington—de uma môça a outra: "O que eu estou procurando é um homem que me trate como se eu fôsse eleitora e êle candidato."

—Bill Gold, em *Post-Times Herald* de Washington